

Historiografia e internet na encruzilhada do mundo digital: *Clio Wired*, de Roy Rosenzweig

Enviado em:

10/01/2013

Aprovado em:

30/07/2013

Pedro Telles da Silveira

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

doqa.silveira@gmail.com

ROSENZWEIG, Roy. *Clio Wired: The Future of the Past in the Digital Age*. New York: Columbia University Press, 2011.

A *Iliada* e a *Odisseia* são dois extensos poemas – 15693 e 12210 versos, respectivamente, no dialeto homérico utilizado em sua composição – que, ao inaugurarem a cultura helênica e o que depois ficou conhecido como literatura grega assumiram vicariamente, por um processo ao mesmo tempo de transmissão e de apropriação, o posto de textos fundadores da cultura ocidental. Sua origem é incerta, mas se crê que os poemas começaram a circular por volta do século XII a.C., em forma oral, acompanhando a assim chamada Idade Média grega – período onde as monarquias anteriores se fragmentaram e a vida política passou a se concentrar em unidades de menores dimensões, as futuras *polis* – até chegarem ao século IX, quando sua autoria foi atribuída à figura de Homero. É provável que existissem inúmeras variantes dos poemas até que Pisístrato, o tirano de Atenas no século VI, reunisse em sua corte alguns dos letrados da cidade para que fixassem e estabelecessem sua versão canônica. A forma como os lemos hoje, entretanto, é resultado da iniciativa de eruditos alexandrinos do século IV, os quais dividiram os poemas nos vinte e quatro cantos nos quais os conhecemos. A *Iliada* e a *Odisseia*, portanto, são obras capitais para o entendimento do mundo antigo e do próprio Ocidente, foram gestadas ao longo de mil anos de constantes intervenções e intensa circulação – e, atualmente, esses mil anos de experiência histórica do qual resultaram os dois poemas estão disponíveis ao leitor moderno em sites como *Project Gutenberg*, no qual as traduções inglesas de ambos ocupam menos de 1 megabyte e demoram menos de um segundo para chegarem à tela do computador ou do leitor eletrônico comprado por este leitor, muito provavelmente, também

pela internet, em uma rápida e virtualmente invisível transação financeira. Séculos de criação cultural coletiva e o imaginário de todo um povo condensados, assim, ao leitor moderno no conforto de sua casa ou onde quer que ele ande, a compartilhar espaço com os outros 1498 clássicos e não-clássicos da cultura dos últimos três milênios que a memória de, digamos, seu Kindle suporta.

A discrepância entre a quantidade de informação que nos foi legada pela Antiguidade e o tempo que ela demorou a ser produzida e o tempo e quantidade de informação que a contemporaneidade digital produz – os arquivos da *Iliada* e da *Odisseia*, combinados, são menores que um arquivo .mp3 – é um dos aspectos que mais salta aos olhos daqueles que se interessam pelos destinos de milhões de fontes históricas em potencial que a Web simultaneamente preserva e descarta todos os dias. Diante desse registro histórico intensamente mutável e incrivelmente extenso, poder-se-ia pensar que o ofício do historiador, o qual teve como uma de suas prerrogativas justamente preservar os vestígios do passado da ameaça do esquecimento, deveria sofrer alguma modificação ao ser confrontado com a tarefa de administrar documentos históricos não-perecíveis – todavia os historiadores ainda olham para os arquivos digitais como se não fosse um assunto seu (ROSENZWEIG, 2011: 6). Possíveis respostas aos desafios colocados pelo aparecimento das novas mídias e das tecnologias digitais para o ofício do historiador são o assunto do livro *Clio Wired: The Future of the Past in the Digital Age*, do historiador norte-americano Roy Rosenzweig.

229

Rosenzweig nasceu em 1950 e se graduou em História pela Columbia University em 1971. Sete anos depois, concluiu seu doutorado, o qual versava – inspirado pelos estudos de E.P. Thompson – sobre as práticas cotidianas dos trabalhadores industriais norte-americanos entre 1870 e 1920.¹ Em 1981, Rosenzweig entrou para o corpo docente da George Mason University, na qual permaneceria pelo restante de sua vida. Longamente comprometido com o pensamento de esquerda, com o impacto das novas tecnologias sobre o trabalho do historiador e com a intersecção entre academia e sociedade, o trabalho de Rosenzweig fornece uma reflexão – a qual não desdenha, pelo contrário, privilegia, a prática – sobre o caráter público da historiografia e as formas de aperfeiçoá-lo para atender às demandas do tempo presente. Dentre suas muitas realizações, está a criação, em 1990, do Center for History and New Media (CHNM), responsável

1 ROSENZWEIG, Roy. *Eight Hours for What We Will: Workers and Leisure in an Industrial City, 1870-1920*. Cambridge: Cambridge University Press, 1985.

por projetos de grande envergadura que combinam história e meios digitais. Infelizmente, o autor faleceu em 2007, após a luta contra um câncer de pulmão.

Clio Wired, publicado quatro anos depois de sua morte, compila textos editados entre os anos de 1997 e 2005. A amplitude temporal dos artigos é responsável por algumas afirmações que soam curiosamente datadas para o leitor atual, como quando o autor evoca, entre as virtudes do CD-ROM, sua capacidade de armazenamento de dados: 640mb. Se em termos de referências por vezes os diferentes ensaios sucumbem ao avanço da própria tecnologia que lhes serve de assunto, por outro lado os questionamentos colocados pelo autor não perdem em nada sua relevância.

Trata-se de um relativo consenso que, enquanto a abundância de fontes apresentadas pela digitalização de acervos documentais tem sido saudada pelos historiadores (FOGU, 2009: 106-107), a utilização dos próprios sites e conteúdos digitais como fontes históricas (ALMEIDA, 2011: 9) e a exploração de novas formas de apresentação da pesquisa histórica (RIGNEY, 2010) são aspectos dos encontros entre história e internet que acabam sendo negligenciados. Ao longo das três seções de *Clio Wired*, portanto, constantemente são dadas mostras da vitalidade do pensamento de Roy Rosenzweig, capaz de oferecer uma reflexão livre e original acerca de temas dos quais os historiadores costumam se esquivar, como as transformações trazidas pelos meios digitais para as concepções de história, seu impacto sobre o ensino e, por fim, sobre as competências que o historiador do futuro deverá possuir para atuar numa historiografia que é também ela digital.

230

A primeira seção, intitulada “Rethinking History in the New Media”, agrupa artigos que refletem de modo mais geral sobre o impacto da internet sobre o ofício do historiador. Segundo o autor, a constante transformação tecnológica aponta que, na verdade, “ninguém ainda conseguiu desenvolver um meio de assegurar que o presente digital está disponível aos historiadores do futuro” (ROSENZWEIG, 2011: 5);² caso se torne possível, contudo, preservar os documentos digitais, os historiadores serão confrontados com o desafio de lidar com um registro histórico que não é mais caracterizado pela escassez e pelas lacunas mas sim pela *completude* e *totalidade* (ROSENZWEIG, 2011: 6).

Esta é uma situação que em pouco é mais confortável que a ausência de fontes históricas – e conforme a história se encaminha para o que, em outro autor,

2 “As yet, no one has figured out how to ensure that the digital present will be available to the future’s historians” (ROSENZWEIG, 2011: 5).

se denomina *arquivo infinito* (FLÓREZ, 2011), o historiador terá de se perguntar se ainda lhe é possível partir da injunção básica de *ler* ou *conhecer* tudo a respeito de um assunto ou todas as fontes sobre determinado tema (ROSENZWEIG, 2011: 22). No fundo, a internet introduz modificações no próprio estatuto do arquivo digital. Como lembra o autor,

Enquanto os projetos de arquivos e bibliotecas se focam sobre coleções de “alta qualidade construídas em torno a temas selecionados” e tomam como unidade de catalogação a página de internet, o paradigma da ciência da computação “permite que se archive a Web inteira conforme ela muda com o tempo, para que, então, os motores de busca tentem encontrar a informação necessária” (ROSENZWEIG, 2011: 16).³

A competição entre os dois paradigmas – aquele da arquivística e, outro, da ciência da computação – traz à tona outro problema que é recorrente nos ensaios do livro, qual seja, o de que as batalhas pela profissão de historiador ocorrerão, no futuro, numa esfera pública onde ele não detém necessariamente a última palavra. Tema candente para os leitores brasileiros, cuja ocupação de historiador passa por projeto de regulamentação, para o autor é necessário que os historiadores tomem a iniciativa pela (re)organização de seu saber em torno aos novos meios de conservação e uso da memória e das fontes históricas – e que eles tenham o conhecimento técnico para fazê-lo (ROSENZWEIG, 2011: 27).

231

Os dois artigos seguintes são dedicados ao problema da credibilidade das informações históricas na internet. “Web of lies? Historical knowledge on the internet” explora a exatidão factual de um software, o H-Bot, desenvolvido pelo CHNM. O programa lista respostas a perguntas históricas a partir da informação encontrada na internet. A ênfase que o aplicativo dá ao conhecimento factual, argumentam os autores, pareceria estranha caso não se considerasse que é, no fundo, justamente essa espécie de informação que é cobrada nos exames de avaliação do ensino, seja nos Estados Unidos, seja no Brasil (ROSENZWEIG, 2011: 45). Nesse sentido, com a facilidade em se encontrar informação na internet, “os estudantes começarão a nos perguntar por que os estamos testando em sua capacidade de responder a questões que seus telefones celulares podem responder

3 “Whereas archival and library projects focus on ‘high-quality collections built around select themes’ and make the unit of cataloging the Web page, the computer science paradigm ‘allows for archiving the intire Web as it changes over time, then user search engines to retrieve the necessary information” (ROSENZWEIG, 2011: 16).

em segundos” (ROSENZWEIG, 2011: 47).⁴ Ou seja, por que o ensino de história tem de se centrar na fixação de conteúdos factuais quando estes podem ser obtidos a qualquer momento?

O último capítulo desta primeira seção aborda a Wikipédia como uma forma de escrita coletiva da história, colocando-a sobre o pano de fundo de outras iniciativas historiográficas não-profissionais. O autor, desse modo, introduz a interessante noção de uma “poética popular da história” (ROSENZWEIG, 2011: 76). A interrelação entre a historiografia e o interesse pela história na sociedade contemporânea – interesse esse muitas vezes mediado pelos mecanismos digitais – é o tema da segunda seção do livro.

Nesse sentido, a reflexão de Rosenzweig, desenvolvida a partir de seu trabalho como editor de CD-ROM’s históricos,⁵ não se centra tanto sobre o texto histórico, mas sim sobre as formas de apresentação da historiografia em meio digital. Não se trata da transposição do escrito – analógico – ao visual – digital –, mas sim de explorar suas possibilidades intrínsecas. Nesse sentido, além do caráter multimídia, o CD-ROM (e, por extensão, o site de internet) possibilita a experiência da *simultaneidade*, definida como “a habilidade de se mover muito rapidamente de um corpo de informações a outro” (ROSENZWEIG, 2011: 87).⁶ A reflexão do autor, nesse momento, vai ao encontro das propostas de autores conhecidos do público brasileiro, como François Hartog e Hans-Ulrich Gumbrecht, assim como de autores de menor penetração, como Claudio Fogu e Ann Rigney que se perguntam todos a respeito do impacto sobre a escrita histórica de uma consciência temporal diferenciada ocasionada pelos meios digitais. Se a monografia, como diz o título de um importante artigo a respeito disso, não é mais o meio, que formas a historiografia pode assumir que a atualizem diante não apenas dos leitores mas também dos *espectadores* interessados pelo passado? Que pacto entre historiador e público deverá existir se a leitura não for o principal meio de divulgação da historiografia? Para Rosenzweig, trata-se de um contexto libertador – tanto para o escritor quanto para o leitor (ROSENZWEIG, 2011: 116) –, embora o leitor possa julgar por si a pertinência dos sites desenvolvidos pelo CHNM.

232

4 “(...) students will start asking us why we are testing them on their ability to respond to questions that their cell-phones can answer in seconds” (ROSENZWEIG, 2011: 47).

5 O autor editou em conjunto com outros estudiosos o CD-Rom didático *Who built America? From the Centennial Celebration of 1876 to the Great War of 1914*.

6 “(...) the ability to move very quickly from one body of information to another” (ROSENZWEIG, 2011: 87).

Essa mesma constatação pode ser aproximada de contexto em tudo diverso, aquele da sala de aula. Em “Rewiring the History and Social Studies Classroom: Needs, Frameworks, Dangers, Proposals”, escrito em colaboração com Randy Brass, avalia o impacto das novas tecnologias na sala de aula. O diagnóstico de partida, entretanto, é tudo menos usual: “(...) nossa pesquisa descobriu que as pessoas estão mais distantes do passado no lugar que elas mais sistematicamente o encontram: a escola” (ROSENZWEIG, 2011: 95).⁷ A proposta dos autores para que a escola se torne um lugar mais interessante para o contato com o passado é enfatizar que, com as novas tecnologias, não é a solidez das conclusões que ganha força, mas sim os processos que levam a elas (ROSENZWEIG, 2011: 99). Se todo podem ser historiadores hoje em dia, por que não se valer dessa mesma possibilidade na sala de aula? As sugestões de Rosenzweig podem fornecer um bom quadro de referência para os estudiosos brasileiros, uma vez que a bibliografia sobre história e internet se centra, sobretudo, no papel da internet para o ensino de história – com *Clio Wired*, os professores e aqueles que refletem sobre a educação encontrarão uma perspectiva que parte do dia-a-dia do professor e do historiador mas que nem por isso deixa de lado um quadro teórico amplo sobre o qual se debatem estes problemas.

233

Por fim, quais as possibilidades de acesso a fontes e quais os meios para democratizar a pesquisa histórica na era digital? Esses problemas encontram sua reflexão mais bem-acabada no último capítulo do livro – pertencente a sua terceira seção – intitulado “The Road to Xanadu: Public and Private Pathways on the History Web”. Em tese, hoje em dia “cada pessoa se tornou um arquivista ou editor de documentos históricos” (ROSENZWEIG, 2011: 210), nem que seja cotidianamente e apenas de si mesmo, como o atestam as redes sociais; por outro lado, criar um site que se torne uma referência em termos de pesquisa histórica demanda um grande dispêndio de recursos e energia, normalmente disponíveis somente à iniciativa privada. Os conteúdos produzidos na internet são originalmente sem autor, mas como eles serão utilizados quando sites privados – Google, Internet Archive, entre outros – passarem a ter sua propriedade, esta é uma questão em aberto. É certo, porém, que “para o bem ou para o mal, o arquivo virtual da Web se distingue das bibliotecas e arquivos tradicionais por sua inclusão indiscriminada

7 “Still, our survey finds people most detached from the past in the place that they most systematically encountered it – the schools” (ROSENZWEIG, 2011: 95).

do melhor – e do pior – que já se conheceu e disse” (ROSENZWEIG, 2011: 213).⁸ Voltamos ao problema recorrente nas relações entre história e internet: como lidar com um registro histórico que – ao menos é essa a ilusão sobre a qual se baseia – pretende ser completo? Talvez uma saída feliz seja considerar, como faz o autor, que “a qualidade última de uma coleção digital possa ter a ver mais com a floresta do que com as árvores, por assim dizer” (ROSENZWEIG, 2011: 145-146).⁹

O leitor moderno vive no mundo descrito por Roy Rosenzweig e ele pode fazer o *download* de muito mais que os poemas de Homero. Diálogos platônicos e tratados aristotélicos também estão disponíveis – desde que ele não se preocupe demasiado com a qualidade de suas edições. Ele pode acessar, do conforto de sua casa, uma imensa bibliografia de obras digitalizadas editadas entre os séculos XVII e XIX, contribuindo assim para diminuir os gastos de sua pesquisa histórica. O que esse leitor não encontra na internet, contudo, virtualmente desaparece do registro histórico e pode simplesmente não ser mais encontrado. Isso significa que não existiram? Talvez o principal ganho oferecido por *Clio Wired* seja a possibilidade de uma leitura sóbria, ainda que entusiasta dos caminhos oferecidos ao historiador no século XXI, uma leitura que tenta desmentir a aparente totalidade com que a internet, os aparelhos eletrônicos e as redes sociais tentam cercear a nossa vida.

Como não é mais possível escapar da internet, porém, preciso dizer que a leitura deste livro foi feita, muito apropriadamente, num Kindle.

Referências bibliográficas

ALMEIDA, Fábio Chang de. “O historiador e as fontes digitais: uma visão acerca da internet como fonte primária para pesquisas históricas”, in *Aedos*, Porto Alegre, vol. 3, nº 8, janeiro-julho 2011, pp. 9-30.

FLÓREZ, Jaime Antonio Melo. “Historia digital: la memoria en el archivo infinito”, in *Historia Critica*, Bogotá, nº 43, enero-abril 2011, pp. 82-103.

FOGU, Claudio. “Digitalizing Historical Consciousness”, in *History and Theory*, Volume 48, Issue 2, May 2009, pp. 103-121.

8 “For better and worse, the virtual archive of the Web distinguishes itself from traditional libraries and archives by its indiscriminating inclusion of the best – and worst – that has been known and said” (ROSENZWEIG, 2011: 213).

9 “The ultimate quality of a digital collection may have to do more with the forest than the trees, so to speak” (ROSENZWEIG, 2011: 145-146).

RIGNEY, Ann. “When the monograph is no longer the medium”, in *History and Theory*, Volume 49, Issue 4, December 2010, pp. 100-117.

